

O JOVEM LEITOR: DISCURSOS SOBRE SUPORTES DE LEITURA DIGITAL

The Young reader: discourses on digital reading supports

Limerce Ferreira LOPES

Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística
Universidade Federal de Goiás
Instituto Federal de Goiás/Campus Goiânia
limerce.lopes@ifg.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-4830-2262>

Eliane Marquez da Fonseca FERNANDES

Universidade Federal de Goiás/Faculdade de Letras
elianemarquez@uol.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-6476-0389>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo debater como o jovem leitor do século XXI se relaciona com os suportes livro impresso e com o texto digital. Em circunstância de epidemia por Covid-19 e sendo obrigatório o afastamento social, a pesquisa foi realizada à distância o que permitiu aos estudantes avaliarem a relação entre os suportes impressos e digital. O embasamento teórico é o dialogismo bakhtiniano e a Análise do Discurso levou em conta Orlandi (2001; 2003; 2005). Quanto às concepções de leitor, foi usado Chartier (1998;1999) e Santaella (2004) e os autores sobre letramento digital foram Coscarelli (2016), Prensky (2001) e Pinheiro (2020). A metodologia de cunho qualitativo empregada foi estudo de caso com aprovação no Comitê de Ética. Os colaboradores são alunos do ano inicial do ensino médio do ensino médio técnico tecnológico dos cursos de controle ambiental, eletrônica e instrumento musical. Considerou-se que os alunos estão num estado de transição do uso do texto impresso para o digital, embora ainda mantenham uma ligação especial com o livro material.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo; Leitor; Texto digital.

ABSTRACT: This article aims to discuss how the young reader of the 21st century relates to printed book and digital text. In the event of a Covid-19 epidemic and social distancing being mandatory, the survey was carried out remotely which allowed students to assess the relationship between printed and digital media. The theoretical basis is Bakhtinian dialogism and the analysis of the discourse took into account Orlandi (2001; 2003; 2005). As for reader conceptions, Chartier (1998;1999) and Santaella (2004) were used and the authors on digital

literacy were Coscarelli (2016), Prensky (2001) and Pinheiro (2020). The qualitative methodology used was a case study with approval by the Ethics Committee. The participants are students in the initial year of high school at the technological technical high school of environmental control, electronics and musical instrument courses. It was considered that students are in a state of transition from using the printed text to the digital one, although they still maintain a special connection with the printed book.

KEYWORDS: Dialogism, Reader; Digital text;

PALAVRAS INICIAIS

Estamos vivendo, nesta segunda década dos anos 2000, um tempo novo marcado por inúmeras possibilidades de acesso à leitura e à escrita e, esse nosso mundo digital vem também marcado pelo uso de novos suportes, reconfigurando um novo perfil de leitores e escritores à luz da contemporaneidade.

Tentar compreender como as práticas de leitura e escrita se realizam em tempos de “novas tecnologias” remete-nos a um exercício que exige elucidar como os efeitos de sentido estão sendo produzidos, tendo em vista que o discurso é constituído como “[...] um lugar de observação do contato entre a língua e a ideologia” (ORLANDI, 2001, p. 86). Assim, consideramos que a língua que usamos está carregada de valores axiológicos e a isso Bakhtin/ Volochinov (1997) denominam ideologia. A concepção bakhtiniana de ideologia não se restringe apenas a uma perspectiva usual de ideologia política, mas percebe a ideia de uma ideologia do cotidiano ligada aos valores que aparecem impregnados nos dizeres discursivos do nosso contexto social.

Com isso, queremos reforçar que a Análise do discurso é um lugar para se compreender a relação intrínseca entre língua e história que estão manifestadas na materialidade linguística. Nessa perspectiva, queremos imergir nesse contexto para descobrir como esses discursos são construídos, como esses novos modos de ler e produzir sentido vão se desvelando diante da história da leitura, os recortes e rupturas que configuram esse novo leitor da atualidade. Vale dizer, leitor que, apesar de multifacetado, “para cada uma das suas leituras, em cada circunstância, é singular” (CHARTIER, 1999, p. 91).

Dessa forma, este artigo¹ tem por objetivo; realizar um percurso teórico/ bibliográfico sobre a leitura no contexto tecnológico e sobre as práticas de linguagem contemporâneas. Temos em vista os aspectos que tangenciam essa temática (hipertexto, cultura digital, ler e navegar), a fim de discutir sobre a compreensão desses jovens acerca dos valores discursivos que atravessam a compreensão do leitor sobre a leitura no suporte digital. Para tal discussão, consideramos que esse leitor é um sujeito histórico, e que a linguagem, usada na comunicação, é reflexo social que expressa sempre um produto de valores ideológicos, visto que ela se constitui a partir da história e da historicidade.

1 Este artigo contempla os resultados parciais de pesquisa de Doutorado, cujo título é “*O leitor do séc. XXI - Uma análise discursiva sobre a compreensão da leitura em suporte impresso e digital*”, em curso no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (PPGL-UFG).

Portanto, as palavras são “tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações de caráter social em todos os domínios” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997, p. 41).

Como esses jovens leitores, embora tão atuantes na cultura digital, ainda demonstram um distanciamento das práticas de leitura e escrita “formais” impostas pela escola? Daí que, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa do tipo “estudo de caso”, via digital. Nessa investigação realizamos uma coleta de informações de alunos ingressantes no primeiro ano do ensino médio técnico tecnológico² do Instituto Federal de Goiás/ Câmpus Goiânia dos cursos de controle ambiental, eletrônica e instrumento musical. Os enunciados coletados por meio de entrevistas e questionários, nos levaram à escrita deste artigo: *Quais discursos ressoam sobre a leitura no suporte digital?*

Para este artigo, utilizamos amostras dos discursos coletados durante a entrevista não estruturada, que constitui “uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão [...], as perguntas são mais abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversa informal” (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 197). Devido ao contexto pandêmico em que as aulas presenciais estavam suspensas, realizamos a coleta dos enunciados na modalidade à distância, por meio de encontros síncronos. Utilizamos o *Google Meet* para a realização desses encontros, já que se trata de uma ferramenta bem familiarizada pelos docentes e alunos da instituição. Os encontros síncronos foram gravados para fim de registros das informações, seguindo todas as orientações do Comitê de Ética.

Nossa base teórica é a Análise do Discurso de origem francesa em que um sujeito gera sentidos num contexto sócio-histórico e expõe, em seus enunciados, os valores axiológicos de seu meio. Trazemos as contribuições do Círculo de Bakhtin com a percepção de que o sujeito existe na construção de uma interação dialógica com um outro interlocutor e que sua voz emite sua ideologia de valores. Recorremos a Chartier (1998; 1999; 2002; 2003), Orlandi (2001; 2003; 2005), Santaella (2004), Presnky; (2001), Palfrey e Gasser (2011), Mattar (2014) e Coscarelli (2016) para discutir as relações midiáticas na internet.

Neste artigo, percorremos o seguinte trajeto. Partimos de um histórico dos suportes de leitura, desenvolvemos como são os procedimentos de leitura e como atua o leitor da atualidade. A partir dessa visão geral descrevemos os sujeitos de nossa pesquisa e analisamos como seus enunciados repercutem a leitura em suporte digital.

2 Todos os dados apresentados neste artigo como objeto de análise e discussão estão em observância às normas estabelecidas a nível institucional pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IFG/UFG aprovados em 15/07/2021, parecer nº 4.996.031.

PERCURSO HISTÓRICO DOS SUPORTES DE LEITURA

O processo de consolidação da escrita e do leitor na história humana sempre esteve marcado por uma manobra tecnológica que se manifesta a partir das demandas de um povo. Inicialmente, as inscrições apareciam nas paredes de cavernas, depois passaram a monumentos e outros suportes como pedras, os tijolos de cerâmica, peles de animais e papéis. A leitura era reservada a alguns poucos iniciados e a escrita realizada por escribas. Só no século XV, Gutenberg descobriu a imprensa e a leitura da Bíblia passou a ser de interesse popular.

O livro impresso inicia novas práticas de leitura, pois torna-se pura textualização, imersão no conhecimento. A relação do leitor com o impresso é sinônimo de uma prática cultural difundida nas relações cotidianas do século XVI, e tudo que ela arrola no seu processo de desenvolvimento histórico, social e cultural de um povo, como por exemplo, a denotação do livro como posição social de prestígio, posto que ter uma biblioteca em casa era sinônimo de magnitude. Muitas pessoas compravam livros só para exibição.

Mas para aquela sociedade, em que a circulação do livro pelas diferentes classes sociais dava-lhes uma condição equitativa, nunca vista antes, essa era a maior invenção de todos os tempos. Mal sabia que, assim como a tecnologia da escrita trouxe maior liberdade e legitimidade para a figura do leitor e para as práticas de leitura daquela época, a era tecnológica trouxe para os séculos XX e XXI múltiplas possibilidades no que diz respeito à forma de produção intelectual, de relação com as informações e de potencialização desse novo leitor da contemporaneidade.

É por volta de 1945, com o surgimento dos computadores na Inglaterra e nos Estados Unidos, que essas práticas de virtualização das informações trazem à sociedade algumas novidades no que tange ao modo como o conhecimento era armazenado e difundido. A emergência do ciberespaço gerou um desenvolvimento acelerado nos processos econômicos e sociais, uma vez que possibilitou a automação de muitos aparelhos eletrônicos como controles digitais, chips, máquinas digitais.

Assim como a escrita percorreu um longo caminho para sua consolidação e, com ela, as relações do homem com os objetos culturais também apresentaram mudanças subjacentes, a história da virtualidade, da cibercultura, atravessou inúmeras fases até se fortalecer enquanto atividade que representa um marco da evolução técnica na era tecnológica. “As tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (LÉVY, 1999, p. 31). Nesse

sentido, a sociedade da informação; se vê frente a um movimento sociocultural transitório capaz de instituir novos caminhos para o desenvolvimento tecno-econômico, a partir dessa evolução significativa das máquinas.

Na sociedade do século XX, a “realidade virtual” inicia seu processo de instauração e, apesar de incipiente, é nesse momento que as práticas de navegação digital começaram a despontar. Já no século XXI, os espaços virtuais de trabalho, as redes sociais, os jogos eletrônicos tornam-se atividades corriqueiras e fundamentais para mobilização de resultados efetivos nas relações do ser humano com o mundo. Parece-nos que não há como pensar essas relações sociais na modernidade, sem remetê-las a um computador, a um *notebook*, ou ao *World Wide Web* (www), como já destacava Lévy (1999).

Essa presença exacerbada das máquinas e dos aparelhos eletrônicos na sociedade do século XXI; corrobora as práticas de linguagem que se configuram de outras maneiras. As inúmeras formas disponibilizadas pelos recursos tecnológicos, dentre eles, os aplicativos, colaboram para criar, recriar, significar e materializar a escrita a partir do uso de recursos imagéticos que geram sentidos para o texto: cores, movimento, luz, imagens, permitindo assim, numa proporção híbrida, a transposição da legibilidade tangível (língua) ao que é naturalmente intangível (hipertexto) (XAVIER, 2009), abrindo novos recursos para a linguagem como um fenômeno semiótico.

Essa mobilização de vários recursos semióticos a fim de construir sentidos; estabelece outros caminhos na produção de linguagem, uma vez que identificamos uma articulação significativa (dada a quantidade de elementos semióticos disponíveis no espaço *on-line*) da imagem, do texto verbal e vice-versa. Com isso, é importante pensar que, diante desse fenômeno, observamos uma ampliação das possibilidades de produção dos sentidos e não; uma sobreposição de um modo sobre o outro, posto que a junção desses modos; torna a linguagem muito mais versátil no tocante à potencialidade e, por conseguinte, aos seus propósitos comunicativos.

Nesse sentido, o texto passa a circular de outra forma, a abrigar-se em outros espaços, a pertencer a seus interlocutores, sem restrições, sem demagogia, basta que lhe seja conferido, ao leitor, o poder de “acessar” e/ou “cliquear” esse atual suporte tecnológico. Desse modo, muda-se o espaço bidimensional em que o texto está alocado, mas não o efetivo papel que ele ocupa enquanto objeto cultural simbólico. Nesse suporte de leitura/escrita, o leitor se adapta-se a outras formas de ler, de copiar, de sublinhar, de movimentar o texto e, conseqüentemente, mudam-se as formas de produzir sentido para o mesmo texto. Segundo Chartier (2003), o leitor atua “dissociado dos suportes onde temos o hábito de encontrá-los (o livro, o jornal, o periódico) os textos podem ser, doravante, consagrados

a uma existência eletrônica: compostos no computador ou digitalizados, acompanhados de procedimentos telemáticos, esperam por um leitor que os apreenda numa tela” (p. 30).

Esse universo de possibilidades, atribuídas ao escritor/leitor no uso desse suporte tecnológico, não anula o poder do impresso, mas favorece mudanças profundas no modo como as pessoas se relacionam, no modo como ocorre a difusão do conhecimento, na forma como esse leitor assume seu papel diante do texto, uma vez que o “(...) o suporte firma ou apresenta o texto para que se torne acessível de certo modo” (MARCUSCHI, 2008, p. 176), por isso, o texto não é neutro e, cabe ao leitor, para além das adaptações de suporte estreitadas do impresso para o eletrônico, saber lidar com esse novo formato que impõe uma certa impessoalidade com o texto.

Nesse sentido, as tecnologias impõem outras práticas de leitura e comunicação, a celeridade e volatilidade das informações mobilizam e modificam não apenas as formas de circulação do livro, da técnica ou de sua reprodução, mas colaboram para que a própria estrutura da língua alcance outras variáveis. Chartier (2002), ao tratar da linguagem eletrônica e universal, constituída por meio da relação dialógica entre o leitor e seu suporte de leitura(s), pondera que esse “mundo” favorece uma tríplice ruptura, “propõe uma nova técnica de difusão da escrita; incita uma nova relação com o texto; impõe-lhes uma nova forma de inscrição na leitura” (p.23). Portanto, assistimos a um novo leitor que nasce de tal relação, embora se apresente como um novo escritor de textos, tendo em vista que também principia novas formas de escrever e construir sentidos para o que se pretende comunicar, recorrendo a uma nova “sintaxe” de construção textual.

Esse novo leitor que constrói novas práticas e também novos discursos, apresenta em sua voz, traços de outros discursos e que segundo Paveau (2013) são considerados não apenas enquadres de pré-discurso coletivos constituídos por saberes, crenças e tampouco por sequências discursivas identificadas na materialidade discursiva, mas por enquadres implícitos ao discurso atual e, portanto, considerado pela autora como “memória- cognitiva discursiva”, atribuindo assim, uma reconfiguração mais dinâmica, (segundo a própria autora) à noção de “memória discursiva” discutida por Cortine (1981) já que “(...) faz da memória um verdadeiro operador discursivo e pré-discursivo” (p. 152).

PROCEDIMENTOS DE LEITURA NAS DUAS ÚLTIMAS DÉCADAS

É notório que se vive hoje, segunda década do século XXI, em uma outra época. Em 2017, o jornal *Correio Braziliense* noticiava, em seu *site*, “a intensa movimentação e participação de leitores na Arena Jovem da *Feira do Livro de Brasília*” (ANDRADE, 2017). Surpreendentemente, colocava-se em discussão que o jovem da recente geração

tem se envolvido, sim, com a literatura, uma literatura marcada pela cultura digital, mudando o “modo” como os textos têm circulado e favorecendo o acesso a uma variedade de plataformas digitais rumo ao encontro com o texto. Essas novas posturas, marcadas pela cultura digital, apontam, para nós educadores, um período de transição e de acesso ilimitado às informações e evidenciam que estamos diante de um processo “evolutivo da comunicação” e que assistimos a uma democratização da informação e do conhecimento (GALLI, 2010).

Referimo-nos a um tempo chamado de “tecnológico”, em que observamos, para além da aceleração da globalização, o aprimoramento das técnicas, o desenvolvimento da internet. Com isso, vemos a substituição dos suportes de leitura e de escrita, dada a imersão de boa parte da população brasileira nas redes sociais, usufruindo novos modos de ler e, por conseguinte, novas práticas de linguagem. A vida transcorre na abertura de novas formas de produzir sentido nas relações estabelecidas com o mundo [...] e em que opera “uma revolução da percepção das entidades textuais e uma revolução das estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita” (CHARTIER, 2002, p. 24).

Essa produção de novos sentidos para o texto; é intermediada pelos novos suportes de leitura e de escrita, uma vez que as configurações de acesso ao texto e sua produção estão se modificando por trajetos e modos muito peculiares. Agora, por meio de uma tela, o leitor interage com o texto eletrônico que o coloca frente a uma realidade textual multissemiótica típica desse espaço. A interação instiga o leitor a tornar-se, também, autor em uma criação e recriação de elementos intertextuais e multimodais, imersos em hipertextos. Os processos de leitura e produção interligados nos apresentam um sujeito mais ativo e autônomo, que manobra possibilidades para além do verbal, na interpretação, construção e reconstrução dos sentidos do texto. Essas são as novas formas de leitura e escrita que emergem dessa cultura digital. Para Silva (2003), “o leitor na web não lê da mesma forma que o leitor de livros ou revistas de papel. O leitor-navegador tem o mundo ao alcance do clique do mouse. Basta o texto tornar-se monótono para que o leitor se dirija a outras paragens, provavelmente para nunca mais voltar” (SILVA, 2003, p. 34).

Lévy (1999) levanta a hipótese de que a cibercultura se direciona a uma nova universalidade que adquire sentidos variados e se renova permanentemente por meio das comunidades virtuais. Segundo esse autor, a cibercultura é um conjunto de técnicas, práticas, atitudes e modos de pensamento que se ampliam na medida em que surgem os novos meios de comunicação, mediados pelos computadores.

Dessa forma, os sentidos estão sendo apresentados a partir de uma revolução das técnicas em que a navegação, realizada pelo leitor, constitui-se por meio de uma abordagem que engloba desde o acesso ao hipertexto digital, até as informações multimodais, que

estão disponibilizadas no ambiente da virtualização e que, portanto, o hipertexto opera na virtualização do texto. Segundo Xavier (2009), o termo “hipertexto” está vinculado a um sistema de escrita não sequencial, isto é, por meio de associações, conexões. Portanto, um item liga-se ao outro por meio de *links* disponibilizados nos textos eletrônicos, formando uma grande rede de conexões, por isso é uma percepção macro do texto.

Com esse panorama, observamos que é sempre desafiante formar leitores, tornar viável uma educação que integralize currículos, que supere uma visão monolítica do objeto que se proponha a ensinar e, principalmente, que coloque a linguagem - em função de sua natureza polissêmica - no centro das práticas que tangenciam outros campos do conhecimento. Mas sempre nos perguntamos: por que é tão desafiador para nós, professores, formar leitores se os jovens da atualidade estão imersos em uma cultura digital, de acesso fácil a todo tipo de informação? Como nos colocarmos frente às práticas constantes de leitura e escrita seja nas conversas de *WhatsApp*, seja em *blogs*, seja elaborando roteiros para vídeos de *YouTube*?

Isso nos faz pensar que, perante o crescimento significativo dos novos suportes digitais, estamos diante de novos “modos de ler” e o desafio maior para nós, docentes, não seja “formar leitores”, mas familiarizarmo-nos com esses novos suportes e conhecer quais gêneros textuais estão mais próximos da realidade dos jovens leitores e abrir caminhos para o futuro. O quanto nos questionamos sobre as práticas de multiletramento escolar e estamos buscando nos equilibrar em meio a todas essas rupturas, ocorridas sob pressão, durante a pandemia da Covid-19, ocorrida nos anos 2020/2021?

O LEITOR DA ATUALIDADE

Quem é esse “sujeito” leitor da atualidade? Antes de entrar nas teorias acerca do “sujeito” tal como apresenta a Análise do Discurso, retomamos a concepção de Benveniste (1988) postulada em sua Teoria da Enunciação, segundo a qual o “sujeito” deve ser compreendido segundo a noção de “subjetividade”, como uma apropriação de um “eu” individual que recorre aos recursos linguísticos a fim de produzir seu discurso.

Nesse quadro teórico, o “sujeito” deixa inscritas marcas (explícitas ou não) na materialidade do seu dizer, instaurando sua subjetividade no discurso, posto que cada escolha linguística realizada por ele fornece pistas fundamentais que contribuem para revelar suas intenções numa produção. Benveniste (1988, p. 286) acreditava ainda que, na subjetividade, o sujeito torna-se um “ser” da enunciação, do dizer: “[...] essa subjetividade, quer apresentemos em uma fenomenologia ou em psicologia, como quisermos, não é mais que uma emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem”.

Não podemos nos esquecer de que, no início do século XX, o círculo de Bakhtin já discutia a concepção de enunciado a que denominavam em russo como “viskázivanie”. Portanto, a noção de enunciado ou unidade da comunicação discursiva pode ser compreendida como os dizeres que construímos aos nos comunicar. Em meados do século, Benveniste (1988) vem discutir o conceito de enunciação como a ação de colocar a língua em funcionamento, isto é o emprego dos dizeres marcados pela subjetividade do locutor. (BENVENISTE, 2006, p. 82). Desse modo consideramos pertinente a aproximação dos conceitos desses pesquisadores, pela valorização do enunciado e enunciação como forma de dizer num gesto de comunicação. Os estudos linguísticos de Benveniste o levaram à pesquisa das marcas linguísticas que o sujeito enunciados como um “eu” impõe à língua no processo de enunciação, e os estudos do círculo bakhtiniano voltam-se para a compreensão de como o enunciado gera sentidos em relação aos valores percebidos na exterioridade.

Tomamos também a teoria do discurso dialógico no Círculo de Bakhtin (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006), pois os sujeitos não falam sozinhos, estão sempre em interação com o outro e a consciência individual ocorre com a “concretude material dos signos”, na medida em que interagem e produzem dialogicamente os discursos. O sujeito, portanto, é discursivo, é constitutivo de várias vozes sociais, configurando múltiplas relações de consonância e dissonância em constantes movimentos nas múltiplas esferas sociais. Trata-se de uma consciência individual que é tomada pela ação da ideologia, que afeta a psique e ressoa nas práticas discursivas, conforme explica Sobral (2009), “a consciência individual cede espaço à ideologia e a ideologia cede espaço à consciência individual no processo por meio do qual a ideologia é influenciada pelo funcionamento psíquico e este é influenciado pela ideologia. Isto mostra que, para o Círculo, ‘individual’ e ‘social’ não se opõem” (SOBRAL, 2009, p. 50).

Nessa inter-relação do “eu” com “outros sujeitos” e nesse jogo de vozes discursivas, cada um toma consciência de si próprio e torna-se polifônico, pois é constituído num jogo de várias vozes cruzadas e complementares. Sobre essa visão, Bakhtin (1997, p. 293) assim afirma: “Viver significa tomar parte do diálogo: fazer perguntas, dar respostas, dar atenção, responder, estar de acordo e assim por diante”. Nessa perspectiva dialógica, os sujeitos envolvidos tornam-se parte da subjetividade a ser construída, embasando os discursos com vozes discursivas amparadas na alteridade e na intersubjetividade. Bakhtin/Volochínov (2006, p. 287) ainda diz: “[...] eu não posso me arranjar sem o outro, eu não posso me tornar eu mesmo sem um outro; eu tenho de me encontrar num outro para encontrar um outro em mim”.

E como essas questões aqui postas sobre os sujeitos podem contribuir para a constituição desse leitor da contemporaneidade? Ora, as práticas de linguagem recorrentes deste tempo estão marcadas pelas mediações tecnológicas, pelo uso de suportes digitais, que circulam e controlam o discurso da atualidade. O modo como a linguagem se coloca, se configura e se revela tem muita relação com esses atuais modos pelos quais o sujeito se relaciona com o mundo e como ele significa as formas de comunicação.

As práticas de linguagem que são produzidas sob condições de produção (novas tecnologias e novas formas de comunicação) organizam e controlam o discurso valorativo em que o sujeito está inserido. Esse discurso axiológico, interpelado pela ideologia, marca os vários papéis e as posições assumidas pelo leitor na contemporaneidade. Assim, em função desses diferentes papéis, o sujeito se configura não como ser empírico, mas como um “lugar” de interação que, ao ser ocupado, revela uma instância discursiva afetada ideologicamente pelas condições de produção. Em suma, o sujeito dialógico não pode ser compreendido como constitutivo pela concepção de unidade, mas como aquele que “sofre as coerções da formação discursiva do interior do qual enuncia, já que é regulada por uma formação ideológica” (MUSSALIM, 2001, p. 133).

O sujeito leitor da contemporaneidade lida, portanto, com esses diferentes papéis que ao mesmo tempo o colocam diante da produção dos sentidos tanto a partir do lugar da tradição (práticas de leitura e escrita, focados nos suportes impressos) quanto da contemporaneidade (que dá lugar às novas práticas de leitura e escrita, como os suportes digitais). O discurso é perceptível quanto mais estiver ligado a uma instituição de poder, e a leitura, como discurso, é produzida por meio dessas relações de força. Trata-se da relação entre os discursos instituídos como verdadeiros e as posições socioideológicas assumidas pelo sujeito-leitor no processo de leitura.

Esse leitor da atualidade constitui-se nessa relação tênue entre forças instituídas pelos enunciados, num processo dialógico e polifônico, instaurado pelas lutas sociais, por valores e tomadas de posições, que refletem e refratam nas produções discursivas desses sujeitos. Bakhtin/ Volochínov (2006, p. 46) nos dizem que “o ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata”. Assim, ao se “refletir e se refratar” nessas práticas em suas relações dialógicas, o sujeito constitui-se discursivamente assimilando várias vozes sociais que configuram múltiplas relações de consonância e dissonância em constantes movimentos nas diversas relações sociais.

Nesse percurso de inter-relação com outros sujeitos e no jogo de vozes discursivas, o sujeito constitui-se socio-ideologicamente, tomando consciência de si próprio e tornando-se polifônico. E esse jogo de várias vozes cruzadas e complementares requer

que pensemos em um sujeito-leitor que sempre está inserido em uma instância discursiva e cujo discurso está afetado pelo contexto sociocultural.

Ao tratar sobre as mudanças sociais contemporâneas e os efeitos delas entre os jovens, alguns pesquisadores (PRESNKY, 2001; PALFREY; GASSER, 2011; MATTAR, 2014) utilizam o termo “nativos digitais” para referirem-se ao modo como esses jovens lidam com as tecnologias, a partir da imersão que fazem nesse mundo digital.

Para Presnky (2001) o termo “nativos digitais” pode ser usado para a geração que nasceu a partir dos anos 1990, uma vez que já está imersa, desde cedo, nesse universo tecnológico e, portanto, o modo como esses leitores acessam e processam as informações é muito mais rápido do que o das gerações anteriores. Em contraposição a esse termo, Presnky (2001) afirma ainda que para aqueles que não nasceram nessa época, mas lidam o tempo todo com as mídias tecnológicas, realizam tarefas, usando o ciberespaço, aceitando as possibilidades que ele oferece, podem, também, ser identificados como “imigrantes digitais”. Então, parafraseando o autor, Mattar (2014, p. 4) reitera que os nativos digitais são aqueles que “nasceram e cresceram na era da tecnologia digital, enquanto os imigrantes digitais nasceram na era analógica, tendo migrado posteriormente para o mundo digital”.

Para Palfrey e Gasser (2011), denomina-se de nativos digitais; os indivíduos que apresentam habilidade com os recursos tecnológicos em vários contextos, tanto para entretenimento, quanto para o exercício da aprendizagem, como, por exemplo, busca de informações. Outro autor que discute esse termo; é Franco (2013), quando afirma que os indivíduos que apresentam facilidade com os dispositivos tecnológicos, com as ferramentas e aplicativos, podem ser considerados “nativos digitais”. Desse modo, é unânime entre os autores o fato de que; os nativos digitais; conseguem, cada dia mais, receber notícias, informações, processá-las, compartilhá-las, comentá-las, tudo em tempo real, usando recursos que possibilitam a rapidez no acesso e na divulgação das informações.

Por outro lado, Coscarelli (2016) ao discutir sobre as habilidades que são exigidas desse leitor contemporâneo, denominado como “nativo digital”, apresenta inicialmente o conceito de “navegação e leitura”, uma vez que, segundo a autora, esses dois aspectos são ações diferentes que exigem “habilidades e estratégias diferentes”. Ao retomar Lawless e Schrader (2008), Coscarelli diz que, na ação de “navegar”, os usuários precisam saber onde estão, aonde irão e como chegar, envolvendo assim; ações comportamentais de movimentos (percurso da navegação) e ações cognitivas (controle desse percurso, monitoramento dessa trajetória). Então, a navegação seria, numa perspectiva restrita, mover-se pelo espaço virtual; e na perspectiva ampla, mobilizar estratégias de movimentos e de domínio desse

espaço, o que, também, exige conhecimento para lidar com as informações.

Como visto, muitas aptidões são exigidas para o leitor que emerge desse tempo de TDCIs (Tecnologias Digitais da Comunicação e Informação), não basta apenas navegar para acessar as informações, esse leitor/usuário precisa ter uma postura (que agrega todas as capacidades acima elencadas) para realizar as práticas de leitura nesse ambiente virtual. Portanto, navegar não pode ser compreendido como uma tarefa “trivial”, é preciso, sim, percorrer alguns caminhos para que se faça desse espaço, da virtualidade, um lugar de criticidade e de aprendizagens. Mas como esses jovens leitores compreendem esse espaço da virtualidade? Como eles lidam com a leitura realizada no suporte digital? Seu percurso e escolhas são guiadas por um letramento digital crítico? São questões que nos propusemos analisar e discutir a partir das vozes dos nossos alunos/colaboradores da pesquisa.

OS SUJEITOS DE NOSSA PESQUISA

Os sujeitos sociais/colaboradores desta pesquisa, realizada em um lugar histórico, marcado por fatos verídicos, instauram uma nova ordem no âmbito do acontecimento discursivo. Nesse tempo (março de 2020), marcado pela pandemia da Covid-19, decorrente do vírus Sars-Cov-2, assistimos a muitos fatos que colocavam em jogo um novo tempo que instituíam outros modos de relacionar, de estudar, de trabalhar, de se comunicar.

Um tempo sofrido, caracterizado por muitos óbitos, pela solidão, pelo distanciamento, e pelas fragilidades socio/político/econômicas. Os discursos sobre empatia, sobre solidariedade, sobre cuidado, sobre isolamento social, demarcavam uma nova ordem enunciativa que propunha, no contexto das regras institucionais, uma manifestação ideológica no âmbito das superestruturas, posto que os discursos eram regulados por conflitos de interesse ideológico que validavam as coerções instituídas pela esfera política, como, por exemplo, a mudança nas relações de trabalho (fechamento do comércio e das escolas).

Nesse ínterim, não podemos desconsiderar a figura do sujeito que, afetado por todos esses aspectos, já que é constituído a partir de sua relação com o outro/mundo, é propriamente um sujeito de linguagem e, portanto, “(...) ao dizer se significa e significa o próprio mundo” (ORLANDI, 2001, p. 44). Mediante a isso, o sujeito se identifica na língua e pela língua, para, assim, manifestar suas posições valorativas/axiológicas acerca das situações oriundas do contexto social.

Então, nosso aluno/colaborador, como sujeito, traz em suas produções discursivas uma pluralidade de vozes que ecoam na singularidade dos enunciados e que se atualizam, dialogicamente, a partir dos sentidos, é o que reitera Bakhtin (1997), de que “em cada um

dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão lembrados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo)” (BAKHTIN 1997, p. 414).

Desse modo, nenhum enunciado é neutro, pois ele sempre emerge de um contexto repleto de significados que demandam sempre uma resposta às relações do sujeito com os objetos, e de suas experiências vividas com o outro. Analisar esses discursos, então, é lançar um olhar para os signos linguísticos, intrinsecamente sociais, produzidos no âmbito das relações estreitadas entre o ambiente natural e social e, devido a isso, os discursos que configuram esse tempo; revelam uma dimensão heterogênea, ideológica construída a partir de eventos que os colocavam frente a outras produções de sentidos. Nesse contexto, esses sujeitos/colaboradores da pesquisa são jovens adolescentes que acabaram de ingressar no ensino médio do curso técnico integrado. Devido ao afastamento social obrigatório da pandemia, os jovens começaram o ano letivo sem ao menos terem tido a oportunidade de conhecer o espaço escolar, trocar conversas nos corredores com os colegas, fazer amizades e conhecer pessoalmente os professores. Então, nesse percurso, para adaptarem-se às novas exigências ocasionadas pela instância, a frequente exposição às telas devido à pandemia, trouxe uma outra percepção acerca do uso das tecnologias que afeta diretamente sua produção discursiva sobre a leitura no suporte digital. É o que nos propomos a analisar adiante.

DISCURSOS QUE RESSOAM SOBRE A LEITURA NO SUPORTE DIGITAL

O livro impresso teve uma importância singular no processo de consolidação da leitura, principalmente; depois de Gutenberg e esse volume impresso faz parte de nosso convívio e dos nossos estudantes. E mesmo que o advento da imprensa não seja sinônimo da aparição do livro, a cultura do impresso mantém-se presente na memória coletiva da sociedade. Observando os jovens que iniciaram o ensino médio em 2020, sabemos que estão habituados à presença tátil do livro impresso em casa e, principalmente na escola. O livro didático é uma constante na trajetória estudantil desses alunos, embora de modo geral, já tenham contato com textos digitais, na maioria das vezes de maneira para o lazer.

Iniciamos a análise desse jovem leitor, retomando esses aspectos, pois identificamos nos discursos que atravessam a sua compreensão sobre a leitura no suporte digital. Consideramos que o texto digital é verbal e não-verbal em dialogia constante e começa a ser uma exigência gradativa. Poderíamos pensar que a leitura em ambiente digital seria algo curioso, mas devemos explicar que a tecnologia traz novas formas de

invenção que afetam as relações entre os objetos e os sujeitos, como uma a força dialética que impulsiona e transforma as práticas sociais; está sempre ancorada nos discursos de origem, na tradição cultural, nos aspectos intrínsecos à ordem histórica. Por isso, a representatividade do livro impresso não só assinala um impacto cultural e social nas relações entre leitura e leitores, mas na forma de organização de toda uma sociedade que passa a adotar um novo suporte de escrita para registrar e divulgar o conhecimento. Desse modo, é de nosso interesse saber como o leitor de texto digital valoriza o suporte em que lê. E o enunciado do aluno *IM* foi:

IM Particularmente, eu prefiro ler na mídia física, eu acho muito bonito, assim, eu acho que é uma questão cultural de ler na mídia física, mas eu leio mais em mídia digital, no celular e casualmente, eu não estou... é raro eu falar, assim, agora eu vou parar e vou ler, não, eu estou sempre mexendo em alguma rede social, eu sigo páginas de curiosidades, dessas coisas assim e acabo lendo e quando eu me pego, já estou um tempão lendo.

É interessante perceber como esse aluno transita entre a mídia impressa e a digital, mas mostra sua preferência pelo texto impresso. Isso aguça nossa curiosidade, esse jovem está ainda apegado às tradições? Está em fase de transição? Compreendemos que a leitura em suporte impresso é considerada uma prática que culturalmente evoca poder e prestígio, demonstra uma formação ideológica construída e veiculada durante muitos anos na própria constituição da história da leitura. Isso porque ao longo do processo de consolidação da leitura, estar de posse do livro, conforme discutimos, representava ocupar um lugar social importante, designado pelo poder aquisitivo, uma vez que “(...) a escrita tem se integrado tão simbioticamente ao patrimônio geral das sociedades desenvolvidas, que se tornou praticamente constitutivas.” (XAVIER, 2009, p. 55).

Nesse sentido, quando voltamos nosso olhar para a geração atual; percebemos que mesmo que os suportes digitais façam parte avidamente da rotina desses jovens leitores, eles apresentam em seu discurso; uma filiação discursiva retomada de outro lugar, da história, dos discursos coletivos constituídos na ordem do dizer e que; validam o fato de que; preferem o suporte digital, mas reconhecem o valor do suporte impresso, “acham bonito”, dada a sua representatividade ideológica ao longo da história da leitura. Vemos isso no enunciado de *ELI*:

ELI (...) pegar o livro físico em mãos é bem melhor, sentir o cheiro de novo e tal, mas o digital muito mais fácil tudo, além de você conseguir o livro grátis, levar para os lugares, porque o celular cabe no bolso, tem livros que não, não é? Então acho que é isso.

Essa valorização do toque material se dá; principalmente porque esses sujeitos estão afetados pela ordem do repetível, já que o discurso sobre o objeto livro como preciosidade se inscreve no já dito para a construção dos seus valores. Então, nessa retomada de outros dizeres, a partir da historicidade e aos modos de funcionamento do discurso, os sentidos são produzidos e alocados e retomados dentro de uma formação discursiva (ORLANDI, 2003). Diante dos excertos reportados da entrevista (aula síncrona), percebemos os atravessamentos desses outros dizeres (interdiscursos), que por meio da memória discursiva coletiva se faz presente nas formulações do saber discursivo, significando sua compreensão acerca do que é a leitura realizada no suporte impresso, é o que identificamos na voz do aluno *EL2*:

EL2 Eu geralmente prefiro muito mais o livro físico, porque eu sempre fui acostumada a ler com o livro físico, a sensação de ler com o livro físico é muito melhor, eu até tenho uns três livros aqui que eu preciso ler só que eu não estou tendo tempo, mas por causa da parte da praticidade eu também já usei muito de ler no digital, porque é mais prático e também é mais barato e a gente também acha os livros de graça, então é muito bom.

Nesses enunciados percebemos que é unânime entre os alunos *IM*, *EL1* e *EL2*; a praticidade do suporte digital, dado o contato frequente que eles têm com os dispositivos eletrônicos, uma vez que esses facilitam o acesso à leitura em qualquer lugar. Porém, embora validem os benefícios da leitura em suporte digital, também verificamos que a “mídia física”, isto é, o “livro impresso”, ainda é considerado uma prática “preferida” entre esses alunos/colaboradores, uma vez que o valor atribuído socialmente a esse suporte, posto que está inscrito dentro de uma formação discursiva definida por uma formação ideológica (basta voltar à história do livro para compreender o *status* do leitor quando de posse do livro impresso), para compreender que essa preferência se trata de uma “questão cultural”, pois a “sensação de ler o livro físico é muito melhor”.

Desse modo, percebemos que a atribuição dos sentidos para o suporte impresso mobiliza uma relação de outros dizeres retomados de outras instâncias, a partir de uma conjuntura sócio-histórica, possibilitando a formulação e a compreensão das palavras e dos sentidos. Segundo Orlandi (2005, p. 33), “o interdiscurso é todo um conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determina o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido preciso que elas já façam sentido”.

Nesse entremeio, nas mudanças transitivas em que as palavras são colocadas em jogo se manifestando a partir de um lugar histórico-social, os alunos colaboradores dessa

pesquisa; também demonstram sua inscrição ideológica no espaço considerado “revolução dos suportes” (CHARTIER, 1998), pois; o modo como o leitor lida com o suporte digital, já que ele *está mais presente em seu cotidiano*, traz algumas facilidades para que a leitura seja realizada no suporte digital, contribuindo assim; para a *acessibilidade e praticidade* na relação entre leitura e leitores, como afirmam *IM1* e *IM2*:

IM1 Porque eu passo mais tempo nele - estou mais presente no tablet, celular e computador - e acabo esquecendo os livros. Então, eu leio mesmo no celular, já que é algo que está mais próximo.

IM2 porque antigamente a gente dependia de ir na loja por exemplo comprar um livro, agora não, a gente só digita o nome no Google e pode baixar e ler a hora que a gente quiser.

Como visto nos enunciados acima, o uso do suporte digital estreita melhor a relação do leitor com a leitura, já que eles “passam mais tempo” usando esses suportes digitais e, por conseguinte, têm acesso a todo tipo de gêneros textuais, assunto, uma vez que “basta digitar o nome no *Google* para saber sobre determinado assunto ou para baixar” o livro de sua preferência.

EL Eu uso com muito mais frequência as tecnologias hoje em dia, porque eu não tenho recursos o suficiente para comprar todos os livros que eu quero, infelizmente. Então eu uso muito, muito mesmo mais as tecnologias de hoje em dia.

CA Com o celular eu descobri os sites, aplicativos, e é muito mais fácil e prático de ler neles. Melhorou o meu desempenho.

Outro aspecto evidenciado na voz dos alunos *EL* e *CA*; é em relação às ferramentas tecnológicas das quais eles dispõem hoje (“aplicativos, sites”), pois elas contribuem para que a prática de leitura se torne mais “fácil”, posto que esses artifícios permitem “melhorar seu desempenho” como leitor. Também é importante destacar a questão da democratização da leitura, conforme apresentado no excerto do aluno *EL*, que reitera que as tecnologias possibilitaram condições de “comprar todos os livros que eu quero”, uma vez que ele pode “baixar” facilmente os títulos que interessam.

Diante desse contexto, em que as práticas de leitura são realizadas nos suportes digitais, precisamos levar em consideração que a questão aqui posta não envolve apenas a mudança dos suportes pelos quais a leitura circula, mas sim; o que essa mudança (do impresso ao digital) implica enquanto habilidades que, nesse contexto, são exigidas desse leitor da atualidade. Ao inserir-se nessas novas práticas de leitura no contexto tecnológico, esses sujeitos precisam desenvolver algumas habilidades importantes para

saber lidar com esse universo digital. Esse conhecimento, que está no âmbito dos novos letramentos, exige desse leitor uma compreensão acerca das múltiplas linguagens que circulam nos espaços das mídias digitais, como, por exemplo, os textos multissemióticos, além de saber manejar o funcionamento hipertextual, isto é, saber posicionar-se frente a novos caminhos de leitura impostos nesse universo da tecnologia.

Um desses desafios, relatados nos discursos dos sujeitos-colaboradores em questão, demonstra a dificuldade em saber defrontar com a “distração” diante da quantidade de informações disponíveis no ambiente tecnológico. Uma vez que esses jovens leitores ainda estão em processo de formação e aprendizagem frente às possibilidades oferecidas por essa recente forma de comunicação (internet), eles precisam saber traçar sua rota de acesso, de leituras, de navegação, e nem sempre dominam essa habilidade. É o que alegam os alunos dos cursos de *IMI* e *IM2*; durante a entrevista:

IM1: Professora, eu tenho até que uma facilidade, só que a única coisa que me deixa, **que me desconcentra**, é que eu sou totalmente, desculpa professora, é que eu sou **totalmente viciado em rede social, eu não consigo muito focar**, eu sempre tenho que está entrando ali para dar uma conferida.

IM2: (...) **normalmente eu não consigo me concentrar**, porque tem várias coisas ali que eu posso, tipo, sair de uma página e entrar na outra, ver coisa totalmente diferente, eu prefiro um livro físico, que me ajuda a concentrar mais.

Nos excertos acima, observamos que esses sujeitos/leitores; são denominados por Santaella (2004); como leitores imersivos, dado o seu contato constante com as tecnologias. E, mesmo que apresentem uma certa habilidade em saber usar os recursos tecnológicos, realizam o uso frequente dos dispositivos e reconhecem sua fragilidade diante das distrações as quais esse espaço proporciona. Dessa forma, as interfaces apresentadas para manifestação de inúmeras formas de linguagens atraem a atenção desses jovens, levando-os a perder-se no caminho.

Nessa esteira, cabe retomar aqui o conceito apresentado por Coscarelli (2016) sobre o “navegar” e “ler”. Ao analisar esses discursos, identificamos que muitos desses colaboradores atuam no espaço virtual como um navegador, que se movimenta pelos caminhos do hipertexto, pautado pelas notificações. Esse tipo de leitor que explora sem rumo esse espaço virtual, sem muita pretensão, apenas pela curiosidade, para monitorar ou para manter-se atualizado, é denominado por Santaella (2004) como leitor errante. Para essa autora, o sujeito “(...) enfrenta sua tarefa como quem brinca, explorando aleatoriamente o campo de possibilidades aberto pela trama hipermidiática” (p. 178), por

isso, volta-se para as rotas dispersivas, cujo conteúdo chama-lhes mais atenção. Dentre esses dispositivos das redes sociais, temos as conversas de *WhatsApp*, o conteúdo do *Instagram*, os vídeos do *YouTube*, dentre outros, e perde-se pelo caminho, perde o foco e a concentração mediante as tarefas que precisam realizar.

A distração ocorre pela multifuncionalidade disponível nos dispositivos eletrônicos (aplicativos). Isso favorece não apenas o acesso a vários recursos tecnológicos que facilitam o acesso e a realização de várias atividades nesse suporte, mas corrobora a dispersão do leitor, na redução da atividade leitora, já que, concomitantemente à leitura, o usuário realiza múltiplas tarefas que envolvem várias dimensões como: falar com alguém, migra de uma página a outra, faz anotações na agenda, revê as tarefas programadas, atende às notificações, escuta música, vê um vídeo. Nesse sentido, o que torna a leitura realizada na tela, muitas vezes, menos “fluídas”, é o que Dadico (2017); afirma:

*A disposição em rede do livro digital contribui para que não apenas internamente ao dispositivo, mas internamente ao próprio texto, surjam estímulos - como *hyperlinks* - que capturam a distração do leitor, dificultando uma leitura continuada da obra. Esta “captura” dos momentos de distração ao longo da leitura faz com que a divagação, necessária para que se possa alcançar uma experiência mais rica com o texto, perca-se em meio ao labirinto das teias de informação, deslocando-se para fora da obra. Neste quadro, as leituras realizadas pelos leitores podem ser descritas menos como “distraídas” e “fluídas” (como se daria no caso do livro em papel), e mais como *flutuantes* e *frenéticas*. (p. 731)*

Ainda; segundo Dadico (2017), o significado da leitura “flutuante” está relacionado a uma leitura de ritmo veloz, de busca intermitente que se opõe à leitura contemplativa. Daí que; a autora reitera que, nessa perspectiva, a leitura em tela; torna-se um lugar de realização de tarefas, de pesquisa, de intervenções inúmeras seja pelo acesso aos hiperlinks que levam aos hipertextos (e assim; sucessivamente), deixando assim; de constituir-se como um lugar de relaxamento, de descanso, de fruição. E, claro, a pandemia evidenciou ainda mais essa premissa, uma vez que o ambiente virtual se tornou um dos únicos recursos para realização das demandas interpessoais, sociais, educacionais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A leitura passa, na atualidade, por uma transição importante desde o século XVI, quando a leitura impressa exigiu um trabalho de compreensão maior para explorar o texto escrito. Estamos num ponto da história em que o suporte livro impresso vem perdendo seu

poder de influência para uma mídia digital que avança a passos largos. Nós, sobreviventes do século XX, corremos para nos integrar e aprender a trabalhar com a multimodalidade da mídia. Aos jovens, que hoje chegam ao Ensino Médio, a mídia digital já é uma realidade vivida, nessa pandemia de muitas exigências de distanciamento. Esses cidadãos nascidos no século XXI manejam com boa facilidade a navegação digital, começam a abrir mão do livro impresso, mas mantêm certo apreço pelo material de papel, suas ilustrações e até seu cheiro. Essa é a marca de uma transição que se dá sem que tenham plena consciência.

O leitor do livro impresso com sensações aguçadas começa a dar lugar a um outro leitor mais abrangente e multitarefa. Esse jovem está aprendendo a lidar com tantas ofertas de informação, inicia muitas leituras e as deixa para trás. Esperamos que caiba ao professor abrir caminho para o desenvolvimento de capacidade de foco no que está desenvolvendo, habilidade de interpretação ágil e crítica. Esta pesquisa abre nossos olhos para os papéis do leitor jovem e dos caminhos que os professores podemos desenvolver.

Essas questões nos apresentam algumas provocações que coadunam com as discussões sobre o ato de “navegar”, defendido por Coscarelli (2016) e que aqui reporto: 1) não basta apenas ter acesso ao ambiente digital, é preciso dominar algumas habilidades (saber utilizar as devidas interfaces para cada objetivo, saber buscar e organizar as informações criticamente, identificar as ferramentas para uso consciente, dentre outras); 2) as mudanças provocadas nas formas de comunicação em virtude das TDCIs; nos mostram (e cremos que a pandemia reforça esse fato) que é urgente a inserção de uma pedagogia voltada para o letramento digital nas escolas, a fim de que esses jovens sejam inseridos no contexto tecnológico, dominem e usem criticamente essas ferramentas (ou pelo menos parte delas), sem tornar esse processo artificial, a fim de que consigam, segundo Pinheiro (2020),

(...) muito mais do que buscar informação no mundo virtual, é necessário educar nossos alunos para uma análise crítica das informações com as quais lidam ou podem vir a lidar. Por isso, um letrado crítico não apenas busca informações na rede, mas está, sobretudo, preocupado em avaliar as fontes de informações disponibilizadas na internet. (PINHEIRO, 2020, p. 9)

E, por fim, habilitados para navegar criticamente nesses lugares das interfaces digitais, esse leitor consiga se apropriar do suporte digital para “ler navegando” e “navegar lendo” e, assim, compreender as leituras plurais, transitando pelas inúmeras práticas de linguagem emergentes nas mídias contemporâneas. Esse é o nosso desafio, já que estamos nessa pesquisa buscando alguns caminhos que colaborem na realização de práticas de linguagens mais efetivas em nossas práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, I. **Livros de ficção e encontros de blogueiros atraem jovens à Feira do Livro**. *Correio Braziliense*, Brasília, 22 jun. 2017. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/06/22/interna_diversao_arte,604110/programacao-da-feira-do-livro-nesta-sexta-22-6.shtml. Acesso em: 20 maio. 2022.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-289.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira . Prefácio de Roman Jakobson. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 1988.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora da UnB, 1998.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Tradução Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

COSCARELLI, C. V. **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

DADICO, L. Modos de ler livros em meios digitais: transformações da experiência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 37(3), p. 725-737, 2017.

FRANCO, C. P. Understanding Digital Natives' Learning Experiences. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, 13(3), 2013, p. 643-658.

GALLI, F. C. S. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. D. S. (orgs.). **Hipertexto e Gêneros Digitais**: novas formas de construção do sentido. São Paulo: Cortez, 2010. p. 147-164.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

LAWLESS, K. A.; SCHRADER, P. G. Where do we go now? Understanding research on navigation in complex digital environments. In: COIRO, J.; KNOBEL, M.; LEU, D.; LANKSHEAR, C. (eds.). **Handbook of research on new literacies**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2008. p. 267-296.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTAR, J. **Games em Educação**: apostila para o curso de Pós-Graduação em Inovação e Gestão em EaD pela USP. São Paulo: USP, 2014. Digitalizado.

MUSSALIM, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v. 2. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 100-142.

ORLANDI, E. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

_____. A leitura proposta e os leitores possíveis. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (org.). **A leitura e os leitores**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003. p. 7-24.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração dos nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PAVEAU, M.A. Memória, des-memória, a-memória: quando o discurso volta-se para seu passado. Trad. Jocilene Santana Prado; Eduardo Lopes Piris. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.5, p. 137-161.

PINHEIRO, P. Letramentos a distância na (e na pós) pandemia. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 12, n. 2, p. 355-369, 2020. <https://doi.org/10.46230/2674-8266-12-3603>. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/3603>. Acesso em: 8 jun. 2022.

PRENSKY, M. Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. **On the Horizon**. NCB University Press, v. 9, n. 5, October (2001). Disponível em: https://marcprensky.com/?page_id=10. Acesso em: 05 maio. 2022.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, E. **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003.
OBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado das Letras, 2009. (Série Ideias sobre Linguagem).

XAVIER, A. C. **A Era do hipertexto**: linguagem & tecnologia. Recife: Edufpe, 2009.

Recebido em: 21 out. 2022.

Aceito em: 18 jan. 2023.